

FACULDADE NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ - FACENE/RN  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

TAMIRES DANIELE OLIVEIRA DE MORAIS SOUZA

**AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM**

MOSSORÓ-RN

2019

TAMIRES DANIELE OLIVEIRA DE MORAIS SOUZA

**AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM**

Monografia apresentada à Faculdade Nova Esperança de Mossoró como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador Esp.: Carlos Augusto da Silva Almeida

MOSSORÓ – RN  
2019

S729a Souza, Tamires Danielle Oliveira de Moraes.  
Automedicação em acadêmicos de enfermagem. /  
Tamires Danielle Oliveira de Moraes. – Mossoró, 2019.

45 f.: il.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Esp. Carlos Augusto da Silva  
Almeida.

Monografia (Graduação em Enfermagem) – Faculdade  
Nova Esperança de Mossoró.

1. Automedicação. 2. Autocuidado. 3. Enfermagem. 4.  
Título.

CDU: 615.03-057.875

TAMIRES DANIELE OLIVEIRA DE MORAIS SOUZA

## **AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM**

Monografia apresentada pela aluna TAMIRES DANIELE OLIVEIRA DE MORAIS SOUZA do Curso de Bacharelado em Enfermagem, tendo obtido o conceito de \_\_\_\_\_ conforme a apreciação da Banca Examinadora constituída pelos professores:

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Esp. Carlos Augusto da Silva Almeida  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Esp. Ítala Emanuely de Oliveira Cordeiro  
Membro

---

Prof. Dr. Wesley Adson Costa Coelho  
Membro

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, meu Criador, a minha família, em especial aos meus pais, irmãos, marido e filhos.

## **EPÍGRAFE**

“A persistência é o menor caminho do  
êxito”.

(Charles Chaplin)

## **AGRADECIMENTOS**

Mesmo agradecendo todos os dias em orações, continuo agradecendo a Deus pelo dom da vida, pelas bênçãos derramadas sob minha vida, pela proteção diária, por me da saúde e forças para batalhar pelos meus sonhos e pelo dom de poder gerar vida.

Agradeço a minha família por compreender minha ausência em determinados momentos, em especial aos meus pais Elivaldo Oliveira de Moraes e Nerialba Alves Oliveira de Moraes, e aos meus irmãos Vitor Geovani de Oliveira Moraes, Filipe Ramon de Oliveira Moraes e Vitoria Taís de Oliveira Moraes.

Agradeço ao meu esposo Leonardo Samy de Souza por me apoiar nas decisões e estar comigo, dividindo os bons momentos e os ruins, e aos meus filhos Letícia Giovanna Moraes Souza e João Davi Moraes Souza por fazer dos meus dias os mais felizes.

Agradeço aos meus amigos que estiveram comigo nessa longa jornada, me apoiaram e me deram forças para continuar.

Agradeço a todas as pessoas que, de certa forma, contribuíram para a minha formação, que não me deixaram desistir nos momentos que eu mais temi, e agradeço as pessoas que duvidaram que eu realizaria meus sonhos, pois foi a partir disso que me fortaleci, tracei meus objetivos e alcancei minhas metas.

## RESUMO

Automedicação caracteriza-se pelo uso de medicamentos sem que haja prescrição médica ou de profissionais que sejam devidamente capacitados. Também pode ser classificada como uma forma de autocuidado, com a finalidade de prevenir-se de doença ou aliviar sintomas. Automedicar-se é um hábito que muitas pessoas desenvolvem e essa prática pode gerar diversos problemas futuros para a saúde. Partindo desta definição, o principal objetivo geral desta pesquisa constitui-se por avaliar as práticas de automedicação em acadêmicos da área de enfermagem em uma instituição de ensino superior privada na cidade de Mossoró/RN. Ainda tem como objetivos específicos, caracterizar os determinantes orgânicos, culturais e psicossociais, que levam os acadêmicos de enfermagem a automedicação, e descrever as principais comorbidades adquiridas pela causa ou consequência do hábito de automedicar-se. Trata-se de uma pesquisa descritiva de caráter exploratório, com abordagem qualitativa e quantitativa. A pesquisa incluiu 100 (cem) alunos da instituição de ensino superior na cidade de Mossoró/RN, que foram analisados por meio de um questionário estruturado com questões abertas e fechadas, através deste, no reconhecimento do fenômeno automedicação nesses alunos e as questões envolvidas neste processo. Com a aprovação desta pesquisa pelo Comitê de Ética da FACENE/RN, foi iniciada a coleta de dados para o estudo. Esta pesquisa é de grande relevância, visto que a automedicação apresenta-se como um grave problema de saúde pública. Os principais resultados obtidos com a pesquisa mostraram que noventa e sete por cento (97%) das pessoas interrogadas realizam a prática de automedicação. Entre essas pessoas destacam-se indivíduos com idade entre vinte um (21 anos) e trinta anos (30 anos), casadas, que mais se automedicam. Quando entrevistados quanto aos riscos que a automedicação oferece, os entrevistados afirmam estarem cientes dos riscos, mas praticavam o ato para cessar os sintomas, e, muitas vezes fazendo uso de medicamento sem orientação médica no interior da instituição de ensino, tornando-se uma prática habitual no dia-a-dia destes. De acordo com a análises de dados o principal medicamento utilizado foi a dipirona sódica. Os dados expressaram que a automedicação é um grave problema de saúde pública, uma vez que os profissionais e acadêmicos da área são pessoas de grande influência sobre a vida de seus pacientes, assim, cuidam das pessoas e esquecem de buscar auxílio médico para si próprio e acabam desenvolvendo problemas de saúde, que podem agravar-se, quando não tratados corretamente ou de certa forma ignorados por estes.

**Palavras-Chave:** Automedicação; autocuidado; cuidado de enfermagem.

## ABSTRACT

Self-medication is characterized by the use of medicines without medical prescription or by professionals who are properly trained. It can also be classified as a form of self-care, in order to prevent disease or relieve symptoms. Self-medicating is a habit many people develop and this practice can generate many future health problems. Based on this definition, the main objective of this research is to evaluate the self-medication practices in nursing students in a private higher education institution in the city of Mossoró / RN. It also has the specific objectives of characterizing the organic, cultural and psychosocial determinants that lead nursing students to self-medication, and to describe the main comorbidities acquired by the cause or consequence of the habit of self-medication. This is a descriptive exploratory research, with a qualitative and quantitative approach. The research included 100 (one hundred) students from the institution of the Nova Esperança Faculty of Mossoró, who were analyzed through a questionnaire structured with open and closed questions, through this, in the recognition of the self-medication phenomenon in these students and the issues involved in this process. With the approval of this research by the Ethics Committee of FACENE / RN, data collection was started for the study. This research is of great relevance, since self-medication presents itself as a serious public health problem. The main results obtained with the research showed that ninety-one percent (97%) of the persons questioned performed the practice of self-medication. Among these people are women between the age of twenty one (21 years) and thirty years (30 years), married, who more self-medicate. When questioned about the risk of self-medication, respondents said they were aware of the risks, but practiced the act to treat the symptoms, and often used medication without medical advice within the institution, becoming a habitual practice in the day to day of these. According to data analyzes the main drug used was dipyrone sodium. The data expressed that self-medication is a serious public health problem, since the professionals and academics of the area are people of great influence on the life of their patients, thus, they take care of the people and forget to seek medical help for themselves and end up developing health problems, which can be aggravated, when not treated correctly or somehow ignored by them.

Keywords: Self-medication; self-care; Nursing Care.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Valores de frequência simples e porcentagem dos indivíduos nas diferentes variáveis sócio demográficas, Mossoró – RN, Brasil, 2019.....	23
Tabela 2 – Valores de frequência simples e porcentagem dos questionamentos referente a prática da automedicação, Mossoró – RN, Brasil, 2019.....	25
Tabela 3 – Valores de frequência simples e porcentagem das medicações comumente ingeridas ou administradas por acadêmicos da área da saúde, Mossoró – RN, Brasil, 2019. ....	28

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Distribuição (%) dos respondentes (n=100) sobre a pratica da automedicação por acadêmicos da área da saúde, Mossoró – RN, Brasil, 2019.....27

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABIFARMA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDUSTRIAS FARMACEUTICAS

ANVISA – AGENCIA NACIONAL DE VIGILANCIA SANITARIA

CEPE – CODIGO DE ETICA DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

COFEN – CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM

DR – DOUTOR

ESP – ESPECIALISTA

FACENE/RN – FACULDADE NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ/RIO GRANDE DO NORTE

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA

MAX. – MAXIMO

MIN. – MINUTOS

MS – MINISTÉRIO DA SAÚDE

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE

PNM – POLITICA NACIONAL DE MEDICAMENTO

TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDOS

URM – USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS<sup>b</sup>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	7
1.2 HIPÓTESE .....	8
1.3 OBJETIVOS.....	9
1.3.1 Objetivo Geral .....	9
1.3.2 Objetivo Especifico .....	9
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>10</b>
2.1 Automedicação no Brasil .....	10
2.2 Portaria nº 3.916/98 e URM.....	11
2.3 Uso indiscriminado de medicamentos .....	12
2.4 Causas da Automedicação .....	13
2.5 Por que ler a bula.....	15
2.6 Hipocondria .....	16
2.7 Automedicação na Rede Pública .....	17
<b>3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....</b>	<b>19</b>
3.1 TIPO DE ESTUDO .....	19
3.2 LOCAL DA PESQUISA .....	19
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	19
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA .....	20
3.5 PROCEDIMENTO DE COLETA.....	20
3.6 ANÁLISE DOS DADOS .....	21
3.7 ASPECTOS ÉTICOS .....	21
3.7.1 Riscos e Benefícios da Pesquisa .....	22
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>23</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>37</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>40</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A automedicação caracteriza-se pelo uso de medicamentos sem a prescrição médica ou de profissionais capacitados, também podendo ser classificada como uma forma de autocuidado, no intuito de prevenir-se de doença ou aliviar sintomas (SOTERIO; SANTOS, 2011).

O hábito de automedicar-se pode levar à problemas como ocultação de sinais e sintomas de doenças graves, durante anos, e, que se manifestam de maneira tardia e mais agressiva. Esse fenômeno pode ser classificado de três maneiras: forma orientada, quando já existe o conhecimento das ações do medicamento; induzida, nas campanhas publicitárias e de marketing, quando fazem o anúncio dos benefícios da medicação e, por fim, a forma cultural, quando há conhecimento adquirido ao longo do tempo. O Brasil já ocupa a quinta posição entre os países mais consumidores de medicamentos, sendo o primeiro lugar na América Latina (IURAS *et. al.*, 2016).

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), entre 2010 e 2015, a automedicação hospitalizou mais de 60 mil pessoas por problemas de intoxicação e com aumento da resistência de bactérias, sendo os analgésicos, anti-inflamatórios e antibiótico no casos de automedicação e relacionados à infecção bacteriana (BRASIL, 2016).

Mesmo com informações como essas, as pessoas ainda não atentam para o quão grave é esse problema de saúde pública. Possivelmente, isso ocorre justamente pela falta de acesso ou interesse pela informação. Por essa prática já ter se tornado comum e não existir uma campanha ou política de proteção eficaz o suficiente para conscientizar a população, a respeito do malefícios que este ato pode trazer a sua própria saúde. (BRASIL, 2016).

Sendo assim, o uso indevido de medicamentos deve ser considerado uma condição preocupante a ser observada. Um estudo publicado na América Latina mostrou que devido à dificuldade de acesso a serviços de saúde, existe uma alta frequência de automedicação, especialmente com analgésicos. Tal afirmativa confirma-se também, a partir de pesquisas realizadas nos continentes Asiático e Europeu, mais precisamente em 5 regiões da Turquia, demonstrando que cerca de 70% dos entrevistados faziam uso de analgésicos sem prescrição médica (DEMÉTRIO *et. al.*, 2012).

Idosos e, inclusive, acadêmicos da área da saúde, tem o costume de se automedicar. Segundo Silva *et. al.*, (2014), 88,7% dos acadêmicos do curso de enfermagem, por exemplo, tem esse costume, e 94,55% dos alunos do curso de medicina também possuem esse hábito.

Porém, este fato não se consolida apenas nos cursos de Enfermagem e Medicina, tal prática é possível de ser observada entre outros cursos da área da saúde. A automedicação também é praticada por estudantes de farmácia, fisioterapia, educação física, nutrição, fonoaudiologia, terapia ocupacional e odontologia. Possui muitas hipóteses para que este fato ocorra, mas as principais são a influência do conhecimento próprio e a cultura do autocuidado presente no país (SILVA *et. al.*, 2014).

Por isto, estudar a automedicação é importante, para que desta forma, seja possível informar a população a respeito dos riscos, possibilitando assim, aumentar o cuidado, existindo a melhoria da fiscalização tanto das pessoas quanto dos profissionais (FONSECA; FRADE, 2005).

### 1.1 PROBLEMATIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Em virtude do convívio com acadêmicos dos cursos da área de saúde, observou-se a constante prática de automedicação, sobretudo nos estudantes do curso de enfermagem. Tal fato analisado é decorrente da maior proximidade da pesquisadora associada para com os mesmos. Não obstante, por tratar-se de um grave problema de saúde pública contemporâneo e que afeta não apenas a qualidade de vida, mas também pode desenvolver riscos potencialmente danosos. Desse modo, além de trazer a informação a respeito do tema, o desenvolvimento do trabalho e a exposição de resultados, ainda irão permitir aos estudantes, obter conhecimento sobre a realidade vivenciada, através do compartilhamento das experiências, bem como conhecer aspectos relacionados ao uso irracional de medicamentos, contribuindo para a difusão desse assunto na sociedade.

Como acadêmicos de um curso da área da saúde, os estudantes de Enfermagem precisam conhecer os efeitos e riscos que os medicamentos possuem sobre o organismo humano quando utilizados de forma ou dose incorreta. Outrossim, acredita-se que em virtude do elevado estresse proporcionado pelas extensas jornadas de aulas presenciais, bem como horas extras de estudo, havia um alto grau de estresse psicológico e sobrecarga emocional, que altera a qualidade de vida dos acadêmicos, acarretando desordens de caráter orgânico, social e psicológico, resultando no desenvolvimento de

doenças como refluxo gastroesofágico, cefaléia tensional, gastrites, síndrome metabólica e inúmeras outras doenças, que manifestam-se por meio de sinais e sintomas, que por eles, são combatidos, de maneira empírica, através da autoavaliação e, conseqüentemente, automedicação.

Conforme a discussão apresentada, destaca-se o seguinte questionamento: O que leva os acadêmicos de enfermagem à automedicação e quais os problemas de saúde possuem maior prevalência para a motivação dessa prática?

## 1.2 HIPÓTESE

Os acadêmicos que fazem uso incorreto de medicamentos, independente da classe farmacêutica, afim de tentar solucionar o problema que estão passando, podendo ser uma dor física e/ou mental que o acadêmico esteja vivenciando.

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar os aspectos relacionados a prática da automedicação em acadêmicos do curso de enfermagem de um instituto de ensino privado.

#### 1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar os determinantes orgânicos, culturais e psicossociais que levam os acadêmicos de enfermagem a automedicação;
- Descrever as principais comorbidades associadas ao hábito de automedicar-se.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Automedicação no Brasil

A automedicação é entendida como a prática de ingerir medicamentos sem o aconselhamento ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado (SILVA *et. al.*, 2014). Existem vários fatores associados a essa prática, que tornou-se sinônimo de preocupação de saúde pública.

A problemática sobre a automedicação é de contexto global e o Brasil não está excluído desse problema. O país é um dos principais consumidores de medicamento do mundo, com um mercado que alcança as cifras de 22,1 bilhões por ano. Isso ocorre por diversos fatores, como o acesso dificultado, a precariedade da rede de saúde, conhecimento popular, falta de informações técnicas sobre os medicamentos, fatores culturais, acesso à tecnologia e aos medicamentos, dentre outros insumos. (DOMINGUES; GALVÃO *et. al.*, 2015).

A disponibilidade de medicamento no país é vista com certa cautela, pois os números são superiores aos recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O setor farmacêutico é composto por cerca de 480 empresas que produzem, vendem e distribuem em todo território nacional. O número de drogarias e farmácias chega a 65 mil, uma proporção de cerca de 3,3 para cada 10 mil pessoas. A OMS orienta apenas uma farmácia para esse número de pessoas. Em termos de mercado mundial o país ocupa hoje a oitava posição mundial e possui projeções de ocupar a quinta posição em 2021. O mercado institucional de distribuição e venda é composta de 52% pelo Governo Federal, 25% hospitais, 11% clínicas e 12% outros estabelecimentos. Essa porcentagem do Governo Federal é efetivada por vários programas como, farmácia popular ou do trabalhador que tem seus medicamentos disponibilizados ou subsidiados para a população mais carente e questões de judicialização de medicamentos, quando a União é obrigada a fornecer os mesmos sob altos valores (INTERFAMA, p. 2, 2017).

O próprio Estado tem despesas para tratar de pacientes que usam medicamento de forma irracional. De acordo com dados da OMS, os hospitais gastam de 15% a 20% de seus orçamentos para lidar com as complicações causadas pelo mau uso de medicamentos (LEITE *et. al.*, 2008).

Segundo Araújo *et. al.* (2015) esse modo irracional de prescrição de medicamento por conta própria é responsável por 29,5% das causas de intoxicação no país, um número elevado segundo a OMS. A organização também relata que a falta de políticas de conscientização sobre uso de medicamento, gerando despesas extras em todos os países, principalmente os que estão em desenvolvimento como o Brasil. Leite *et. al.* (2008) ainda reforçam que “os riscos associados à terapêutica podem ser minimizados pelo investimento na qualidade da prescrição, conscientização da população e dispensação de medicamentos”.

A pesquisa “*O Comportamento da Dor do Paulista*”, realizada em 2014 pelo Instituto de Pesquisa Hibou, apresentou que a região sudeste é a que mais se automedica, sem apresentar medo de complicações ou efeitos adversos causados pelo uso indiscriminado de medicamentos. Segundo o estudo, as dores que mais afetam os cidadãos são as de cabeça (42%), a lombar (41%), a cervical (28%) e nas pernas (26%). A pesquisa também demonstrou que apenas 8% dos entrevistados nunca se automedicaram. São números consideráveis, e levando-se em consideração que a ingestão incorreta ou irracional dos medicamentos pode proporcionar vários problemas e levar a morte. Vale ressaltar que o uso de antibióticos sem prescrição pode aumentar muito a resistência bacteriana, outro grave problema de saúde pública (GUEDES, 2017).

## 2.2 Portaria nº 3.916/98 e URM

A Portaria nº 3.916/98, do Ministério da Saúde, estabelece a Política Nacional de Medicamentos – PNM, que tem como objetivo sistematizar a prescrição e o acesso de medicamentos, assegurando assim a eficácia e qualidade, bem como a promoção do uso racional e o acesso da população àqueles considerados essenciais. A importância dessa portaria foi à ampliação da discussão em torno da automedicação e o seu uso irracional. Mesmo assim notou-se que os avanços conseguidos foram poucos em relação aos hábitos da população (SILVA *et. al.*, 2014).

Outra ação do MS para combater e conscientizar a prática de automedicação foi à criação do Comitê Nacional para Promoção do Uso Racional de Medicamentos (URM) em 2007. Sua finalidade é justamente alcançar os objetivos de mudar os hábitos da população sobre o tema em questão, o que a Portaria 3.916/98 não conseguiu alcançar. Esse comitê é formado por segmentos sociais e governamentais da esfera administrativa

do país de caráter deliberativo. O papel do comitê é propor estratégias e mecanismos de articulação para promover o uso racional de medicamentos. Tendo diretrizes no âmbito educacional, regulatório, de pesquisa e informação (SILVA *et. al.*, 2014).

### 2.3 Uso indiscriminado de medicamentos

A prática de automedicação é uma conduta bastante comum da população brasileira, pode ser considerado um método de autocuidado. Tendo o consumo de medicamento feito sem nem uma prescrição profissional.

Esse método, sem o devido acompanhamento de agentes especializados, pode se enquadrar como uma prática de uso irracional de medicamento. Vale ressaltar que o uso descontrolado de medicamentos não se dá apenas pelo fato de executar a automedicação, mas também pela relação com a “medicalização”, uma forma de encontrar a cura para as doenças e promover o bem-estar usando exclusivamente o medicamento. Os riscos causados pela automedicação e a medicalização é a intoxicação, que no Brasil é cerca de quase 30% desses dois agravantes no quadro geral. Os analgésicos, os antitérmicos e os anti-inflamatórios representam as classes de medicamentos que mais intoxicam (FERNANDES *et. al.*, 2014).

Marin *et. al.* (2003) reforça que os “medicamentos são de grande importância no sistema de saúde e, quando utilizados de maneira correta, cumprem seu papel no restabelecimento da homeostase e se tornam um recurso terapêutico financeiramente viável”. Mas os métodos que refletem o uso irracional de medicamentos podem acarretar consequências graves à saúde da população, como a própria intoxicação que já foi ressaltada, a diminuição da eficácia dos próprios medicamentos, reações adversas etc.

Tento em vista a problemática em torno do uso indiscriminado de medicamentos, a atenção farmacêutica faz frente a essas práticas, pois tem o objetivo de promover o uso racional de medicamentos e conscientizar a população sobre a importância dessa prática; sendo assim, há uma justificativa da necessidade da presença desse profissional em todas as farmácias e drogarias do país. A prescrição farmacêutica passou a se torna indispensável, pois orienta a população para o uso racional e coerente dos medicamentos (SOUSA *et. al.*, 2008).

## 2.4 Causas da Automedicação

O aumento da prevalência de doenças crônicas no país, especialmente a hipertensão arterial, diabetes, artrite/artrose e depressão é resultado do rápido e crescente processo de envelhecimento da população brasileira nos últimos anos. Paralelamente a este processo, existe o crescimento na utilização de medicamentos, que é algo necessário para o controle e prevenção de problemas relacionados a saúde dos indivíduos (COSTA *et. al.*, 2017).

Medicamentos são entendidos como instrumentos terapêuticos necessários, pois são grandes responsáveis pelo aumento da expectativa de vida da população. Associa-se seu uso a fatores demográficos, culturais, perfil de morbidade, às características do mercado farmacêutico e das políticas governamentais. Já a automedicação abrange o autocuidado à saúde e acontece quando existe seleção e uso de medicamentos para a manutenção da saúde, prevenção de enfermidades, tratamento de doenças e sintomas, sem que haja prescrição (PRADO *et. al.*, 2016).

Existem muitas causas que podem ser associadas ao uso indevido de medicamentos e à automedicação, e essas podem ser diversas e englobarem múltiplos fatores, ponderando que não é uma prática nova, considerada como um problema de saúde pública mundial.

Uma das primeiras causas desse uso irracional de fármacos é a ampla disponibilidade que os mesmos têm. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 50% de todos os medicamentos são prescritos incorretamente, dispensados e vendidos. Ainda por cima, metade dos pacientes que fazem uso desses medicamentos o fazem de maneira errada. Outro fator é a dificuldade de acesso aos serviços de saúde que a população tem, na maioria das vezes, recorrendo a automedicação como forma de tratamento ou prevenção de doenças, bem como ao alívio dos sintomas dessas. A venda indiscriminada de medicamentos, justamente por essa dificuldade de acesso ao sistema de saúde e aos custos de planos e consultas médicas é, não obstante, outra das maiores causas da automedicação no mundo (DOMINGUES *et. al.*, 2015).

Outra causa está estritamente relacionada com a forma como as pessoas percebem as doenças, ou seja, como elas percebem os sintomas, avaliam a gravidade daquilo que estão sentindo e decidem o que fazer em relação a esses problemas de saúde, acabando

por concluir que os mesmos são simples e não precisam ser avaliados por um médico. No uso de serviços de saúde no Brasil, por exemplo, homens mais jovens procuram, inicialmente, farmácias e prontos-socorros quando enfermos (PRADO *et. al.*, 2016).

Também a propaganda feita por esses medicamentos, geralmente através dos meios de comunicação em massa, constitui um estímulo frequente no que diz respeito a automedicação. Isso acontece porque essas propagandas buscam explorar o desconhecimento dos consumidores acerca dos produtos e de seus efeitos adversos e, mesmo em camadas mais privilegiadas da sociedade, que dispõem de um amplo acesso a serviços médicos, a automedicação tem seu espaço. Existe uma tendência para a busca de soluções imediatas quando se trata de enfermidades, tudo porque as pessoas não querem interromper as atividades cotidianas ou mesmo possibilitar um ponto rápido de retorno a elas (BARROS *et. al.*, 2009). Ainda segundo Rocha *et. al.* (2013), o uso de medicamentos sem prescrição tem se tornado um evento cada vez mais frequente durante a gravidez, o que pode prejudicar tanto a gestante quanto o feto.

Segundo a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), cerca de 80 milhões de pessoas são adeptas da automedicação. A má qualidade da oferta de medicamentos, o não-cumprimento da obrigatoriedade da apresentação da receita médica e a carência de informação e instrução na população são fatores que justificam a preocupação com a automedicação no país. Esse uso incorreto ou desnecessário resulta em consequências sérias como efeitos colaterais indesejados, reações alérgicas, intoxicações etc., e quase sempre o paciente reconhece essas manifestações (SOUZA *et. al.*, 2008).

Pode-se dizer que a automedicação pode poupar recursos nos casos de tratamento para as menores enfermidades, ou ainda, por exemplo, reduzir ausências no trabalho em virtude de geralmente ser usada apenas para os pequenos sintomas. No entanto, nada relacionado a ela constitui vantagens. A automedicação possui riscos inerentes, mesmo que seja uma forma de autocuidado para a população, que assim a enxerga. Utilizar medicamentos sem prescrição pode ocasionar consequências graves à saúde (DOMINGUES *et. al.*, 2017).

## 2.5 Por que ler a bula?

O termo “bula” provem do latim *bullā*. As primeiras bulas que existiram eram marcas arredondadas feitas com anel, a fim de autenticar documentos oficiais. A partir do século XV, o termo passou a designar um escrito solene ou carta aberta provida de tal selo, despachada em nome do papa, com instruções, indulgências, ordens, concessão e benefícios. Em seguida, passou a ser indicador de autenticidade para medicamentos oficiais, pendurada por um cordão e atestando não ser uma garrafada. No Brasil, a partir do século XX, passou a ser um impresso que acompanha os medicamentos, contendo informações a respeito de sua composição, utilidade, posologias e contraindicações (CALDEIRA *et. al.*, 2008).

Segundo Gonçalves *et. al.* (2002, p. 02):

As informações contidas nos textos de bulas são consideradas fundamentais, segundo a Portaria SVS (Secretaria de Vigilância Sanitária) n° 110, de 10 de março de 1997, e devem orientar adequadamente o paciente e o profissional prescritor. O roteiro para texto de bula foi introduzido anteriormente pela Portaria SNVS n° 65, de 28 de dezembro de 1984, em vigor até março de 1997, quando foi substituída pela Portaria SVS n° 110/ 97. A diferença entre o roteiro atual e o anterior caracteriza-se por considerações relativas à necessidade de uniformidade de indicações terapêuticas e demais informações fundamentais para medicamentos com os mesmos princípios ativos.

No Brasil, a bula de um medicamento baseia-se nas informações dos registros de aprovação dos medicamentos submetidas à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que é responsável por sua regulação, análise e aprovação. As informações de registro são de natureza técnico-científica, derivados de resultados obtidos no desenvolvimento de um medicamento por meio de pesquisas clínicas. Sendo assim, a bula é um documento descritor do medicamento, e resultante da atividade de Pesquisa e Desenvolvimento. Mesmo que essa leitura seja informativa, ela é essencial no acesso à informação sobre medicamentos. Considerando essa natureza e complexidade das informações da bula, a leitura e compreensão de uma bula pode não ser uma tarefa fácil para muitas pessoas, geralmente leigos quanto ao conteúdo técnico-científico (FUJITA *et. al.*, 2014).

Ainda assim, essa leitura se faz extremamente importante. Sem ela, não seríamos capazes de conhecer a identidade do medicamento que submetemos a nós mesmos.

## 2.6 Hipocondria

É necessário que o indivíduo tenha cuidado com relação ao consumo de remédios para que não se torne uma prática excessiva. Essa preocupação pode ser um sintoma associado a hipocondria, doença em que o indivíduo acredita estar doente, mesmo quando em estado saudável. Caracteriza-se por ser uma doença que provoca ansiedade excessiva. Em alguns casos, o paciente que enfrenta algum tipo de doença, acredita que esta é maior do que realmente é e, sendo assim, sente a necessidade de se automedicar. Segundo a psicóloga Sarah Lopes, “os hipocondríacos interpretam sensações fisiológicas habituais ou pequenas variações do corpo como um sintoma de um mal que está por vir”. A automedicação é uma das práticas comuns nos hipocondríacos. No Brasil, são registrados cerca de 150 mil casos de hipocondria, e ela aparece geralmente no início da vida adulta, mas pode se manifestar em qualquer idade (REENLSOBER, 2017).

Todo medicamento, dependendo da quantidade e da situação, pode causar muitos estragos quando injetados no organismo. Os antibióticos são uma das melhores descobertas que já foram feitas pela civilização, sendo eles um dos agentes mais fortes contra as bactérias. Apesar de um medicamento forte, o antibiótico nem sempre impede o desenvolvimento de superbactérias no nosso organismo (MOISES, 2017).

Superbactérias são organismos hiper-resistentes que se desenvolvem no nosso corpo e podem causar muitos danos a nossa saúde. A automedicação é uma causa que colabora para o desenvolvimento das superbactérias. Segundo Martins *et. al.* (2015):

O inadequado uso de antibióticos sem critério, sem período, sem dose e sem indicação correta, acelera os mecanismos de defesa das bactérias, fazendo com que o medicamento perca sua eficiência. [...] A resistência bacteriana refere-se à capacidade das bactérias se multiplicarem na presença de antibióticos em doses mais altas que as que contêm em doses ministradas em pacientes. Trata-se de um processo biológico natural que surgiu com a utilização desses fármacos no tratamento de infecções e, que devido ao uso irracional e indiscriminado desses em humanos e animais, tem aumentado cada vez mais (SANTOS, 2004).

O uso indevido de antibióticos pode causar infecções que são motivadas por esses microrganismos resistentes, e desta forma, são capazes de comprometer o

tratamento e a vida dos pacientes, em muitos casos, eles inclusive prolongam o tratamento do indivíduo, ajudando assim a aumentar o risco de morte e até mesmo o contágio para outras pessoas através das superbactérias. (MARTINS *et. al.*, 2015).

Os antibióticos são ótimos na ação de combate as bactérias, porém, se estes não forem ingeridos nos horários determinados e com as doses corretas, podem ter sua eficiência comprometida, já que, os medicamentos só ficam no nosso organismo por um determinado período, e sendo assim, devem ter doses administradas de acordo com prescrição médica. Se ingeridos em horários indeterminados, esses antibióticos contribuem para que as bactérias se adaptem e se multipliquem, aumentando cada vez mais sua resistência a estes antibióticos (MARTINS *et. al.*, 2015).

Uma das causas que contribuem cada vez mais para o aumento de problemas de saúde devido ao uso de fármacos de forma desenfreada, é, além da oferta, que tem se tornado cada vez maior, também, a facilidade em adquiri-los. Com isso, a população pode sofrer, já que, o consumo indevido de antibióticos contribui para o aumento da mortalidade, maiores investimentos na saúde, além de aumentar a facilidade de transmissão e expansão do problema. Os antibióticos estão entre as drogas auto prescritas mais utilizadas no Brasil (MARTINS *et. al.*, 2015).

## 2.7 Automedicação na rede pública

Na rede pública, a automedicação também é um problema bastante recorrente. Os trabalhadores da saúde também têm o costume de se automedicar. Mesmo conhecendo a teoria e os problemas que podem ser causados pela automedicação, é muito comum, estes fazerem uso de fármacos durante sua jornada de trabalho para facilitar suas vidas durante o exercício da profissão (BARROS *et. al.*, 2009).

O uso de fármacos sem estímulo e desenfreado é uma situação que deve ser vista e regulada por todos os profissionais da saúde, de todos os lados, mas principalmente por enfermeiros e médicos, que são os indivíduos que estão sempre em mais contato com pacientes. Os enfermeiros que se submetem a automedicação realizam esse ato porque subestimam os fármacos, e por isso mesmo, os profissionais que formam estas pessoas devem sempre enfatizar os perigos dessa ação (BARROS *et. al.*, 2009).

Os medicamentos devem agir em benefício da população, auxiliar na melhoria da saúde humana e não interferir nesta. Apesar de aliviarem sintomas e recuperarem a saúde, a utilização impropria destes pode trazer resultados que podem ser irreversíveis a saúde. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e o Ministério da Saúde (MS) define como sendo uma prática realizada sem nenhuma orientação ou acompanhamento médico, exercício esse que pode prejudicar muito as pessoas a curto e longo prazo. O uso racional de medicamento é uma ação buscada pela política nacional de medicamentos, e sendo assim, tem o objetivo de educar tanto a sociedade quanto os próprios profissionais, acerca dos riscos do uso de fármacos apenas através de receita médica, principalmente na liberação de medicamentos tarjados (ASCARI *et. al.*, 2014).

### **3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

#### **3.1 TIPO DE ESTUDO**

Trata-se de uma pesquisa descritiva de caráter exploratório, com abordagem qualitativa e quantitativa.

A pesquisa qualitativa compreende um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Sabendo disso, a pesquisa qualitativa não se preocupa com a quantidade, mas sim, com a qualidade das informações e a busca pelo motivo e explicação dos fatos pesquisados. (MINAYO, 2001)

Já os resultados das pesquisas quantitativas podem ser quantificados. Por serem grandes, as amostras são consideradas representativas da população, ou seja, seus resultados constituem um retrato real da população alvo dessa pesquisa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

#### **3.2 LOCAL DA PESQUISA**

A pesquisa em questão realizou-se na Faculdade Nova Esperança de Mossoró/RN (FACENE/RN), localizada na Avenida Presidente Dutra, nº 701 – Alto de São Manoel, Mossoró/RN. A Faculdade Nova Esperança Mossoró iniciou suas atividades pedagógicas em fevereiro de 2007. Mossoró é a segunda maior cidade do estado do Rio Grande do Norte, localizada no Oeste Potiguar, com uma população de 259.619 hab., de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ocupando uma área territorial de 2.099, 36 km<sup>2</sup>.

#### **3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA**

A População desta pesquisa constituiu-se por alunos do curso de graduação de enfermagem na Faculdade Nova Esperança de Mossoró que se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão.

Os critérios de inclusão são: Possuir idade igual ou superior à 18 (dezoito) anos e estar devidamente matriculado na instituição de ensino, está cursando de forma regular pelo menos o 3º período do curso de enfermagem. Critérios de Exclusão: está afastado das atividades acadêmicas, devido a licença maternidade ou licença médica relacionado a complicações de saúde e matrícula em trancamento.

### 3.4 INSTRUMENTO DE COLETA

A coleta de dados deu-se por meio de um questionário estruturado com questões abertas e fechadas (APÊNDICE – B). Nesse sentido, o questionário apresentou questões que serão embasadas em três tópicos estruturais com a finalidade de entender o fenômeno a que se refere. O primeiro tópico trata-se da construção de dados sociodemográficos, a fim de obter o contexto sociocultural em que os entrevistados estão inseridos. O segundo tópico abordou o conhecimento do entrevistado acerca da prática de automedicação, assim como suas consequências. Por fim, o terceiro tópico foi composto pelos relatos dos entrevistados sobre a vivência desse fenômeno.

Os dados foram definidos a partir de um formulário que possibilitou a coleta de dados diretamente vinda do entrevistado. Isso ocorreu a partir do contato direto do entrevistado com o próprio pesquisador, através de uma série de perguntas, formuladas e anotadas previamente pelo pesquisador responsável pela realização da pesquisa. A principal vantagem desse tipo de abordagem é o alcance de todos os seguimentos da população (LAKATOS; MARCONI, 2015).

### 3.5 PROCEDIMENTO DE COLETA

Com a aprovação desta pesquisa pelo Comitê de Ética da FACENE/RN, conforme protocolo CAAE: 11829219.4.0000.5179, teve início o processo de coleta de dados para o estudo. Todas as turmas do curso de enfermagem foram visitadas a fim de que, em cada uma, seja feita a entrega de pelo menos 20 (vinte) questionários por sala, explicando-se o objetivo da pesquisa, com entrega do TCLE.

Esses questionários, autorizados pelo orientador, foram entregues pela pesquisadora em questão, aos discentes, com total permissão dos docentes, e fornecidos um tempo máximo de 10 minutos para a devolutiva dos questionários.

### 3.6 ANÁLISE DOS DADOS

Para a realização da análise de dados, utilizou-se de abordagem qualitativa, precisamente uma análise de conteúdo, que é um conjunto de várias técnicas que tem por finalidade verificar as conversações, que levam em consideração o processo sistemático, com o objetivo de fazer um esclarecimento a respeito das vivências que foram pesquisadas, o que vai possibilitar o entendimento dessas experiências descritas (BARDIN, 2009), chegando-se à amostra quantitativa.

Bardin (2009) afirma que, análises de dados são organizados em três métodos cronológicos. A pré-análise corresponde à organização do material, de forma que este se torne apto a ficar operacional para a pesquisa em questão; a exploração do material é a fase que coloca o material em categorias e identifica as unidades de registro e o contexto dos documentos, ou seja, onde cada um se encaixa na pesquisa, destacando-se que pode ou não haver a interpretação ou interferência do mesmo; por fim, a terceira e última fase é o tratamento de resultados, interferência e interpretação, que concentra os dados, fazendo exigência de uma análise reflexiva e crítica por parte do pesquisador responsável pela análise que é um método de analisar dados em perguntas fechadas em questionários.

Os dados foram digitados em planilha eletrônica e em seguida transferidos para o programa estatístico *SPSS* (Statistical Package for the Social Sciences) versão 23.0 sendo expressos em frequência simples e porcentagem.

### 3.7 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa em questão segue a Resolução nº 466 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde/MS (COFEN/MS), que determina normas para pesquisas que sejam feitas com seres humanos. Também, através da Plataforma Brasil, a pesquisa foram submetidos a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Nova Esperança (FACENE/RN). Os acadêmicos de enfermagem não foram submetidos a grandes riscos, visto que, eticamente, suas identidades serão mantidas em caráter anônimo. Além disso, o questionário não traz perguntas de cunho constrangedor, que possam causar algum dano psicológico. A pesquisa trará bons resultados para a instituição, pois possibilitará a conscientização sobre essa prática nos acadêmicos do

curso de enfermagem, como também possibilitará à instituição a criação de estratégias que possam diminuir, se não acabar, com isso.

A pesquisa abrange os conceitos éticos do capítulo III – Do ensino, da pesquisa e da Produção técnico-científica da resolução do COFEN 0564/2017 que aprova a reformulação do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem (CEPE).

### 3.7.1 Riscos e Benefícios da Pesquisa

Os riscos relacionados à pesquisa são: exposição dos dados e respostas dos acadêmicos. No entanto, tais consequência são minimizadas pelo fato de a pesquisa ser do tipo quantitativo e qualitativo de caráter descritivo e exploratório, onde os dados são extraídos na própria instituição de ensino em um local adequado. Já os benefícios dessa pesquisa são: a relevância do conhecimento da temática Automedicação em acadêmicos de enfermagem: Fatores associados e os riscos ao qual os acadêmicos de enfermagem e demais cursos estão submetidos ao fazerem uso indevidos de medicamentos. Tal dado é de extrema relevância para a minimização dos casos de internamentos em unidades de saúde relacionados à automedicação, além reduzir os casos de morbimortalidade relacionado ao uso incorreto de medicações.

#### 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tabela abaixo, apresenta dados referentes à frequência simples e porcentagem dos acadêmicos do curso de enfermagem, de uma instituição de ensino privado que participaram desta pesquisa. Os dados expressos condizem com o estado civil e idade dos questionados. Sendo assim, apresentaram-se da seguinte forma: Solteiro (46%) que condiz com 46 entrevistados, Casado (50%), que corresponde à 50 entrevistados, e o restante quatro por cento (4%), sendo expresso, na seguinte proporção União Consensual três por cento (3%), e, Separados um por cento (1%).

Outro dado relevante, para a pesquisa trata-se da supremacia de pessoas do sexo feminino que participaram da pesquisa. Assim, chegamos a conclusão das elevadas taxas de mulheres que praticam a automedicação na instituição de ensino privada, onde está sendo realizada a pesquisa. Obtivemos frequência de oitenta e oito pessoas do sexo feminino, correspondente a oitenta e oito por cento, 88% dos entrevistados do sexo feminino e doze por cento, 12% dos entrevistados do sexo masculino.

Tabela 1 – Valores de frequência simples e porcentagem dos indivíduos nas diferentes variáveis sociodemográficas, Mossoró – RN, Brasil, 2019.

Variáveis	Freq.	%
<b>Estado civil</b>		
Solteiro	46	46,0
Casado	50	50,0
União Consensual	03	3,0
Separado	01	1,0
<b>Idade</b>		
Até 20 anos	21	21,0
21 a 30	60	60,0
Acima de 30	19	19,0

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Em uma pesquisa realizada por Domingues et al (2017), em Brasília/Distrito Federal, por meio de questionários, interrogando a população sobre a temática automedicação revelou-se que cerca de 52,3% eram mulheres casadas apresentando faixa etária de 35 a 49 anos. Contudo, difere do estudo em questão, em que evidenciou-

se, uma supremacia da faixa etária de vinte um (21) à trinta anos (30) corresponde a 60% da população entrevistada.

Os autores Tomasini, Ferraes, Santos (2015), em um estudo realizado com universitários no Paraná, sobre a temática automedicação, a maioria dos entrevistados sobre a temática também apresentaram estudantes jovens com idade entre vinte (20) e trinta anos (30 anos) que correspondia a sessenta por cento (60%) dos entrevistado, este dado encontra-se em concordância com a pesquisa em questão, onde tivemos 60% da instituição de ensino superior possui população com idade entre vinte um (21) e trinta (30) anos. Por sua vez, quando analisado a variável estado civil, 84,2% eram pessoas solteiras. Entretanto, na pesquisa atual, existe uma divergência neste dado, pois cinquenta por cento (50%) trata-se de mulheres casadas, não havendo muita diferença para solteiros, que apresenta-se com quarenta e seis por cento (46%), união estável três por cento (3%), e, divorciado um por cento (1%).

A tabela a seguir, descreve os dados referentes a perguntas feitas aos acadêmicos de enfermagem, onde são questionados a respeito do nível de conhecimento sobre a temática e os efeitos e riscos da automedicação no organismo, bem como, a frequência de utilização das drogas sem prescrição médica.

A tabela apresenta cinco questões que foram identificadas entre questão um (Q1) à questão cinco (Q5), a primeira pergunta faz questionamento sobre já ter feito uso de medicamentos sem prescrição médica, questão dois (Q2), questiona se possui conhecimento dos riscos de se automedicar, Questão três (Q3), com que frequência se automedica, questão quatro (Q4), questiona se já fez uso de medicamento sem prescrição médica, na instituição privada de ensino, por fim, questão cinco (Q5), questiona se possui conhecimento das possíveis consequências da automedicação.

Com opções de resposta foram fornecidas as opções sim ou não, para as questões um (1), dois (2), quatro (4) e cinco (5), para a questão três (3), apresentou uma diversidade maior de respostas, que eram as seguintes, diariamente, semanalmente, mensalmente, e, nunca. Sendo que todas as perguntas não era necessário elaborar resposta extensa, por serem perguntas objetivas, necessitando apenas assinalar com um X a resposta desejadas.

Tabela 2 – Valores de frequência simples e porcentagem dos questionamentos referente a pratica da automedicação, Mossoró – RN, Brasil, 2019.

Variáveis	Freq.	%
<b>Q1 - Você alguma vez já fez uso de medicamentos sem prescrição médica?</b>		
Sim	97	97,0
Não	03	3,0
<b>Q2 - Você já se informou alguma vez ou tem conhecimento dos riscos de se automedicar?</b>		
Sim	95	95,0
Não	05	5,0
<b>Q3 - Com que frequência você se automedica?</b>		
Diariamente	12	12,1
Semanalmente	25	25,3
Mensal	59	59,6
Nunca	03	3,0
<b>Q4 - No ambiente acadêmico da FACENE, você já fez uso de um medicamento sem prescrição médica?</b>		
Sim	76	76,0
Não	24	24,0
<b>Q5 - Tem conhecimento das possíveis consequências da automedicação?</b>		
Sim	97	97,0
Não	03	3,0

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Quando questionado sobre a utilização de medicamento suma maioria afirmou pactuar com esta pratica, como mostra a questão um da tabela 2, foi possível observar um frequência de 97 pessoas, dentre as 100 pessoas que participaram desta pesquisa. Em pesquisa similar realizada por Galato et al. (2012) foi possível constatar dados que vão de encontro com a pesquisa atual, uma vez que na pesquisa do autor citado, 96,5% da população de 330 pessoas, afirmaram já ter realizado a automedicação, sendo que deste 41,9% utilizou-se de medicamentos utilizado anteriormente e que ainda constava

em sua residência e 37% utilizou de medicamento sem prescrição médica nos 15 dias que antecederam a pesquisa.

A pesquisa realizada por Tomasini, Ferraes, Santos (2015) demonstrou que 87,4% da população entrevistada já fez uso de algum tipo de medicação sem ser devidamente orientado e prescrito por um médico, concordante com a pesquisa em questão, onde os acadêmicos, por serem da área da saúde e possuir um pouco de conhecimento sobre as formas de administração e efeito dos fármacos fazem a ingestão para encobrir sinais e sintomas apresentados por estes, uma vez que mesmo sentindo algo diferente no corpo não procuram auxílio médico.

Domingues et al (2017), identificou em seu estudo que do quantitativo de 1820 pessoas que aceitaram o convite para participar da pesquisa, 14,9 % afirmaram fazer fizeram praticaram a automedicação nos últimos sete dias (7 dias), sendo que cerca de 66 automedicaram-se por conta própria, sem haver qualquer tipo de prescrição e cerca de 28 indivíduos foram medicados por terceiros, sejam vizinhos, parentes e/ou amigos, sem instrução correta de utilização de medicamentos ou sem informar possíveis riscos, contraindicações e efeitos colaterais corretamente para as pessoas. Com relação a frequência na qual este ato é cometido, estima-se que cada pessoa faça uso de 1,5 medicamento por dia em um período de sete dias, tornando assim um dado assustador que pode contribuir diretamente para o aumento nas taxas de morbimortalidade, já que o uso excessivo de medicamentos causa o desenvolvimento de novas doenças e agravos, podendo levar a óbito. Comparando com a pesquisa atual, os dados apresentam-se de maneira divergente, uma vez que 12,1% dos entrevistados utilizam medicamentos por conta própria diariamente, 25,3% dos entrevistados fazem uso semanalmente de medicamentos sem prescrição ou orientação médica, e por fim, sua grande maioria, representada por 59,6% da população entrevistada afirmam fazer uso mensal de medicamentos sem receituário médico, o que diverge da literatura, já que a maior parte das pesquisas são representadas por indivíduos que praticam a automedicação com uma frequência correspondente a prática semanal.

Quando entrevistados sobre os riscos da automedicação, os acadêmicos entrevistados por Tomasini, Ferraes, Santos (2015), 87,4% destes acreditam que a entrevistados pelo autor possuem medicamentos em casa para uso contínuo, auxiliando no processo de automedicação. Associando a pesquisa em questão, quando os acadêmicos foram entrevistados sobre o conhecimento dos riscos da automedicação, 95% destes responderam estar ciente dos riscos e mesmo assim praticam o ato. Dessa

maneira, os outros 5% restantes afirmavam não estar ciente dos riscos e não buscaram informações sobre a medicação ingerida, o que pode resultar em danos à saúde de quem pratica automedicação por conta própria.

A figura abaixo descreve o questionamento a respeito dos motivos que influencia o ato da automedicação em acadêmicos de enfermagem de uma universidade especializada em saúde, em Mossoró, no interior do Rio Grande do Norte.

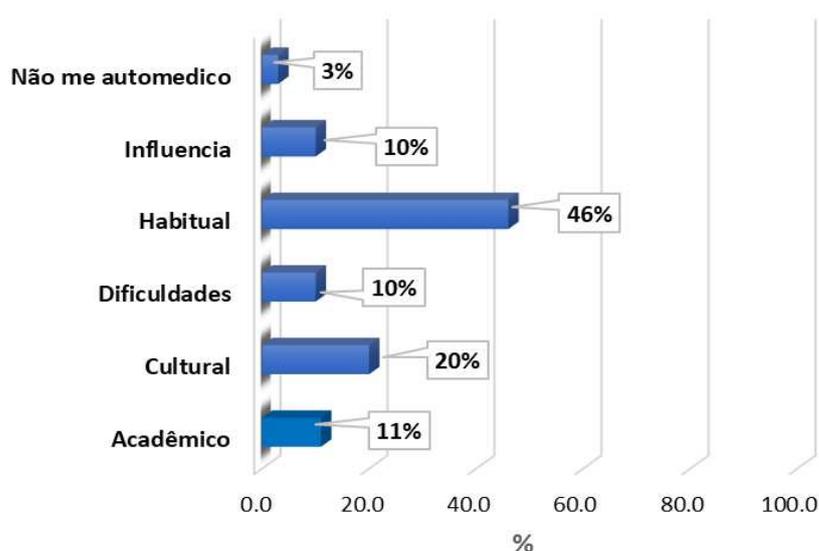


Figura 1 – Distribuição (%) dos respondentes (n=100) sobre a pratica da automedicação por acadêmicos da área da saúde, Mossoró – RN, Brasil, 2019.

De acordo com a análise da pesquisa de Matos et al (2018), foi identificado que 69,3% da população automedicou-se em um período de 15 dias sem qualquer tipo de prescrição médica. Isso, geralmente, parte de pessoas com algum tipo de conhecimento sobre medicamentos e seus efeitos no organismo humano, os profissionais de saúde, pela convivência com casos parecidos.

Já pela óptica de Peixoto (2008), os principais motivos pelos quais as pessoas praticam a automedicação foram: não dá uma atenção devida aos sintomas apresentados, falta de tempo para buscar acompanhamento médico, falta de vagas para o médico que acompanha a família, tempo excessivo de espera a consulta e achar que a sintomatologia apresentada não justifica a busca por um médico. Na pesquisa atual, os motivos diferem-se um pouco, pois a habitualidade surgiu como a causa mais frequente,

que levam os acadêmicos a esta prática, seguido por outros motivos como a cultura de determinadas localidades que utilizam de medicamentos caseiros.

Por sua vez, Da Silva (2014) afirma em seu estudo que os motivos que levam acadêmicos a prática de automedicação à influência das propagandas farmacêuticas por meio dos recursos áudios visuais; o uso de prescrições fora do prazo de validade; a orientação de funcionários de farmácia na tentativa de vender produtos similares, amigos com casos semelhantes e ricos em conhecimento empírico, vizinhos e familiares; facilidade de acesso a medicamento devido serem armazenados no interior de suas residências e a influência de conhecimento próprio, colaborando para a cultura do autocuidado com a saúde estabelecida no país.

A tabela abaixo apresenta diversas classes de medicamentos aos quais os acadêmicos foram questionados a respeito de seu uso, medicamento de classes como analgésicos e protetores gástricos.

Tabela 3 – Valores de frequência simples e porcentagem das medicações comumente ingeridas ou administradas por acadêmicos da área da saúde, Mossoró – RN, Brasil, 2019.

Variáveis	Freq.	%
<b>Q7 – O que você sente para ter que se automedicar?</b>		
<b>Tylenol</b>		
Sim	25	25,0
Não	75	75,0
<b>Q7 – O que você sente para ter que se automedicar?</b>		
<b>Dipirona</b>		
Sim	77	77,0
Não	23	23,0
<b>Q7 – O que você sente para ter que se automedicar?</b>		
<b>Neosaldina</b>		
Sim	23	23,0
Não	77	77,0
<b>Q7 – O que você sente para ter que</b>		

se automedicar?

**Dorflex**

Sim	58	58,0
Não	42	42,0

**Q7** – O que você sente para ter que se automedicar?

**Aspirina**

Sim	22	22,0
Não	78	78,0

**Q7** – O que você sente para ter que se automedicar?

**Eno**

Sim	18	18,0
Não	82	82,0

**Q7** – O que você sente para ter que se automedicar?

**Omeprazol**

Sim	30	30,0
Não	70	70,0

**Q7** – O que você sente para ter que se automedicar?

**Diclofenaco**

Sim	26	26,0
Não	74	74,0

**Q7** – O que você sente para ter que se automedicar?

**Amoxil**

Sim	26	26,0
Não	74	74,0

**Q7** – O que você sente para ter que se automedicar?

**Neosoro**

Sim	27	27,0
Não	73	73,0

---

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

De acordo com Domingues et al (2017), doenças gástricas, febre, gripe, resfriado, alergias e inflamações são as principais patologias pelas quais as pessoas costumam medicar-se com mais frequência, uma vez que esses motivos são dolorosos e precisam ser sanados rapidamente. Algumas medicações são comuns nesse processo, pois auxiliam no processo de minimizar a inflamação, como dipirona sódica, paracetamol, ibuprofeno e omeprazol. Sendo assim, na pesquisa em questão foi possível observar que entre as classes farmacológicas comumente utilizadas, encontra-se os antitérmicos/antipiréticos e anti-inflamatórios, tendo entre os mais medicamentos utilizados com mais frequência sem uso de receita medica, a Dipirona sódica e o Dorflex.

Especificamente para estudantes do curso de enfermagem, observa-se que um dos principais motivos para a realização dessa prática é a presença de dor (DA SILVA, 2014). Os acadêmicos questionados mostraram uma baixa porcentagem de automedicação, exceto para medicamentos que possuem como finalidade controle da temperatura (antipirético) e controle da dor (analgésico), fazendo uso assim do medicamento com maior facilidade de ser encontrado e com melhor custo benefício.

As porcentagens de medicamento utilizadas variaram bastante, porem demonstra pouca incidência de medicamento utilizado, esses valores variaram de dezoito por cento (18%) à setenta e sete por cento (77%) no casos de analgésico utilizados.

Os medicamentos comumente utilizados, como mostra o tabela 3, foram constatados analgésicos, antitérmicos e antiinflamatórios. Em uma pesquisa realizada por Loyola Filho et al.(2002), os medicamentos mais utilizados para a pratica de automedicação, sem prescrição, foram os analgésicos/antipiréticos com 47,6%. Associando a pesquisa em questão com o estudo realizado Cerqueira et al. (2005), em relação aos medicamentos utilizados na automedicação, foram citados os analgésicos 46,1%, os antiinflamatórios não esteróides e antiespasmódicos 13,3%, seguindo-se os antibióticos 9,2%, além de outras classes medicamentosas 25,1%, como corticoides e antimicóticos.

Podemos observar pelas obras de Monteiro (2015), Carvalho (2018) que utilizam de medicamento sem prescrição médica pode trazer diversos riscos à saúde do indivíduo, os antiinflamatórios e analgésicos trata-se de um classe de medicamentos bastante utilizados para minimização de dores. Sendo utilizado de forma indiscriminada para sanar dores esporádicas.

A utilização de medicamentos da classe antiinflamatória, não está mais relacionada somente a doença específicas, em que o tratamento é realizado com antiinflamatórios não esteroidais, mas também, está sendo utilizado para o tratamento de gripes, dores de cabeça e cólicas menstruais (MONTEIRO, 2015). Dessa forma, utilizando indiscriminadamente de fármacos, que posteriormente podem não ser mais úteis devido ao uso em excesso sem necessidade, concomitante a interações medicamentosa que podem existir.

No mercado farmacêutico existe uma variedade imensa de antiinflamatórios, porém todos apresentam efeitos adversos e indesejados, que podem ser distúrbios gástricos, distúrbio hepáticos, distúrbios relacionados a medula óssea, efeitos renais indesejados, entre outros. Além de apresentar uma gama de interações medicamentosa podendo causar diminuição da atividade dos betabloqueadores, o aumento do efeito tóxico do lítio, do metotrexato, do ácido valpróico, das sulfonamidas e sulfoniluréias, assim como o aumento da atividade dos anticoagulantes orais, dos hormônios tireodianos, da digoxina, da insulina e hipoglicemiantes orais (CARVALHO, 2018).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, iniciou-se uma reflexão a respeito das drogas comumente ingeridas utilizadas pelos discentes, frequência de utilização, classe farmacológica das drogas, de modo, que fosse tracejado um perfil de vulnerabilidade acadêmica a respeito das drogas mais frequentes e essa má conduta pode acarretar vários problemas, à longo prazo, na vida desses jovens estudantes.

A partir dos dados levantados no decorrer da pesquisa, conclui-se que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que, foi possível analisar quais as principais medicações ingeridas ou administradas por acadêmicos da área de saúde em um determinado período e os possíveis problemas de saúde associados, como estresse, ansiedade e gastrointestinais.

Os dados expressaram que a automedicação é um grave problema de saúde pública, uma vez que os profissionais e acadêmicos da área são pessoas de grande influência sobre a vida de seus pacientes, assim, cuidam das pessoas e esquecem de buscar auxílio médico para si próprio e acabam desenvolvendo problemas de saúde, que podem agravar-se, quando não tratados corretamente ou de certa forma ignorados por estes.

A temática em questão é de extrema importância para a comunidade de modo geral, pois permite observar e identificar fatores propícios para automedicação e o desenvolvimento de doenças e agravos de relacionados ao tratamento errôneo. A partir disto, elaboram-se planos de cuidados mais eficazes de prevenção de uso indiscriminado de medicações, além de fiscalizações mais eficazes na comercialização de medicamentos.

A partir desta pesquisa, pôde-se nortear diversos estudos visando a prevenção e diminuição dos índices de adoecimento e morbimortalidade de acadêmicos e demais grupos relacionados a pratica da automedicação.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Amanda Luzia; AREDA, Camila Alves; SILVA, Emília Vitória; MEINER, Micheline Marie Milward de Azevedo; GALATO, Dayani. **Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura.** Revista Brasileira de Farmácia, v. 96, n. 2, 2015, p. 1178 – 1201.

ASCARI, Rosana Amora; FERRAZ, Lucimare; BUSS, Eliana; RENNAU, Lisiani Rosa; BRUM, Maria Luiza Bevilaqua. **ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS USUÁRIOS.** Revista UNINGÁ Review, Vol.18,n.2,pp.42-47 (2014).

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2009.

BARROS, Aline Reis Rocha; GRIEP, Rosane Harter; ROTENBERG, Lúcia. **AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS TRABALHADORES DE ENFERMAGEM DE HOSPITAIS PÚBLICOS.** Revista Latino-americana de Enfermagem. USP. São Paulo. 2009.

BARROS, Sônia Maria Oliveira de. **ESTUDOS SOBRE O USO DE FÁRMACOS DURANTE A GESTAÇÃO.** Acta Paulista de Enfermagem, 1995.

CALDEIRA, Telma Rodrigues; NEVES, Eugênio Rodrigo Zimmer; PERINI, Edson. **Evolução histórica das bulas de medicamentos no Brasil.** Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro: 2008.

CARVALHO, Clodevan Silva; CARVALHO, Alana Soares; PORTELA, Fernanda Santos. **Uso Indiscriminado e Irracional de Antinflamatórios não Esteroidais (Aines) por Pacientes Idosos em uma Rede de Farmácias do Sudoeste da Bahia.** *Id on Line Revista de Psicologia*, v. 12, n. 40, p. 1051-1064, 2018.

CERQUEIRA, G. S. et al. **Perfil da automedicação em acadêmicos de enfermagem na Cidade de João Pessoa.** Revista Conceitos, João Pessoa, p. 123-126, jul. 2005.

COSTA, Clarisse Melo Franco Neves *et al.* **Utilização de medicamento pelos usuários da atenção primária do Sistema Único de Saúde.** Revista Saúde Pública, 2017.

DA SILVA, Flávio Martinez; GOULART, Flávia Cristina; LAZARINI, Carlos Alberto. **Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem.** *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 16, n. 3, p. 644-51, 2014.

DEMÉTRIO, Gabriela da Silva; RODRIGUEZ, Géssica de Godoy; TRAEBERT, Jefferson; PIOVEZAN, Anna Paula. **Prevalência de automedicação para tratamento de dor em município do sul do Brasil.** Arquivos Catarinenses de Medicina, 2012.

DOMINGUES, Paulo Henrique Faria et al . **Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional.** *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília , v. 26, n. 2, p. 319-330, June 2017 .

DOMINGUES, Paulo Henrique Faria; GALVÃO, Taís Freire; ANDRADE, Keitty Regina Cordeiro de; DE SÁ, Pedro Terra Teles; SILVA, Marcus Tolentino; PEREIRA, Mauricio Gomes. **Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil: revisão sistemática.** Faculdade de Medicina. Rev. Saúde Pública. Brasília. 2015.

DOMINGUES, Paulo Henrique Faria; GALVÃO, Taís Freire; ANDRADE, Keitty Regina Cordeiro de; ARAÚJO, Paula Caetano; SILVA, Marcus Tolentino; PEREIRA, Maurício Gomes. **Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional.** Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde, 2016.

FERNANDES, Wendel Simões; CEMBRANELLI, Julio César. **Automedicação e o uso Irracional de Medicamentos: O Papel do Profissional Farmacêutico no Combate a Essas Prática.** Universidade do Vale do Paraíba - Univap, Brasil, 2014. FONSECA, José Júlio de Andrade; FRADE, Joselia. **Automedicação, velho habito brasileiro.** Escola Nacional de Saúde Pública.

FUJITA, Patricia Lopes; MACHADO, Carlos José Saldanha; TEIXEIRA, Márcia de Oliveira. **A bula de medicamentos e a regulação de suas configurações em termos de forma e conteúdo no Brasil.** Saúde & Sociedade de São Paulo, 2014.

GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy Borges. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 3323-3330, 2012.

GERHARDT, Tatiana Angel; SILVEIRA, Denise Toldo. **Métodos de Pesquisa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1ª edição.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONÇALVES, Silmara de Almeida; MELO, Gilvânia de; TOKARSKIC, Márcia Helena L; BARBOSA-BRANCO, Anadergh. **Bulas de medicamentos como instrumento de informação técnico-científica.** Revista Saúde Pública, 2002.

GUEDES, Aline. **Automedicação pode ter graves consequências.** 2017. INTERFARMA (Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa). Disponível em: <https://www.interfarma.org.br/guia/guia-2017/dados-do-setor> Acesso em 04.05.2018.

IURAS, Anderson; MARQUES, André Augusto Franco; GARCIA, Lucas da Fonseca Roberti; SANTIAGO, Michael Brian; SANTANA, Luana Kelly Lima. **PREVALÊNCIA DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (BRASIL).** Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial, 2016.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de Pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

LEITE, Silvana Nair; VIEIRA, Mônica; VEBER, Ana Paula. **Estudos de utilização de medicamentos: uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina.** Revista Review, 2008.

LOYOLA FILHO, Antônio Ignácio de et al. **Prevalence and factors associated with self-medication: the Bambuí health survey.** Revista de saúde pública, v. 36, n. 1, p. 55-62, 2002.

MARIN, N. (org.). et al. **Assistência farmacêutica para gerentes municipais.** Rio de Janeiro: OPAS; OMS, 2003. p. 287-334. Acessado em 06 de Maio de 2018.

MARTINS, Graziella da Silva; MANGIAVACCHI, Bianca Magnelli; BORGES, Franz Viana; LIMA, Nathália Bastos. **USO INDISCRIMINADO DE ANTIBIÓTICOS PELA POPULAÇÃO DE SÃO JOSÉ DO CALÇADO (ES) E O PERIGO DAS SUPERBACTÉRIAS.** Acta Biomédica Brasiliensia. Volume 6. Nº 2. p. 86. 2015.

MATOS, Januária Fonseca et al . **Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante.** Cad. saúde colet., Rio de Janeiro , v. 26, n. 1, p. 76-83, Mar. 2018

MOISES, Glaymerson. **Riscos e Consequências da automedicação.** Informativo Faelce. Edição 2. p. 7. Fortaleza/CE. 2017.

MONTEIRO, Maria Rachel Figueiredo Penalva et al. **Dor odontogênica como motivo para procura de atendimento odontológico:** uso de medicamentos para controle de dor e outros fatores associados. 2015.

NEVES, Sabrina Joany Felizardo; MARQUES, Ana Paula de Oliveira; LEAL, Márcia Carrera Campos; DINIZ, Alcides da Silva; MEDEIROS, Tibério Silva; ARRUDA, Ilma Kruze Grande de. **Epidemiologia do uso de medicamentos entre idosos em área urbana do Nordeste do Brasil.** Revista Saúde Pública, 2013.

PAULA, Tatiana Cruz de; BOCHNER, Rosany; MONTILLA, Dalia Elena Romero. **Análise clínica e epidemiológica das internações hospitalares de idosos decorrentes de intoxicações e efeitos adversos de medicamentos, Brasil, de 2004 a 2008.** Rev. bras. epidemiol., São Paulo , v. 15, n. 4, p. 828-844, Dec. 2012 .

PEIXOTO, Joana Barbosa. **Automedicação no adulto.** Pontes de Lima, 2008. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/814/1/Monografia%20Joana%20-%20Automedica%C3%A7%C3%A3o%20no%20Adulto.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

PRADO, Maria Aparecida Medeiros Barros do; FRANCISCO, Priscila Maria Stolses Bergamo; BASTOS, Tássia Fraga; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo. **Uso de medicamentos prescritos e automedicação em homens.** Revista Brasileira Epidemiol, 2016.

REENLSOBER, Danilo. **Hipocondria: os perigos da automedicação.** Revista O Liberal: saúde. 2017. Disponível em: <https://liberal.com.br/brasil-e-mundo/saude/hipocondria-os-perigos-da-automedicacao-467583/> Acesso: 06.05.2018.

ROCHA, Rebeca Silveira; BEZERRA, Samara Cavalcante; LIMA, José Welington de Oliveira; COSTA, Fabrício da Silva. **CONSUMO DE MEDICAMENTOS, ÁLCOOL E FUMO NA GESTAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS RISCOS TERATOGENICOS.** Revista Gaúcha de Enfermagem, 2013.

SILVA, Flávio Martinez; GOULART, Flávia Cristina; LAZARINI, Carlos Alberto. **Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem.** Revista Eletrônica de Enfermagem, 2014.

SOTERIO, Karine Azevedo; SANTOS, Marlise Araújo dos. **A AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL E A IMPORTÂNCIA DO FARMACÊUTICO NA ORIENTAÇÃO DO USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS DE VENDA LIVRE: UMA REVISÃO.** Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

SOUSA, Hudson W. O. e; SILVA, Jennyff L.; NETO, Marcelino S. **A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO NO COMBATE À AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL.** Revista Eletrônica de Farmácia, 2008.

SOUZA, Hudson W. O e; NETO, Marcelino S. **A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO NO COMBATE À AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL.** Revista Eletrônica de Farmácia, Goiânia, v. 8, p. 67-72, 2008.

TOMASINI, Alexandre Abujamra; FERRAES, Alide Marina Biehl; DOS SANTOS, Joice Sifuentes. **Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná.** Biossaúde, v. 17, n. 1, p. 1-12, 2015.

TUTATO, Egberto Ribeiro. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa.** Revista de Saúde Pública, 2005.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado (a) Sr (a).

A seguinte pesquisa que tem por título AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM: fatores associados, desenvolvido por TAMIRES DANIELE OLIVEIRA DE MORAIS SOUZA, pesquisadora associada e aluna do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN, sob a orientação do pesquisador responsável, o orientador Carlos Augusto da Silva Almeida, que tem como objetivo geral: Analisar os aspectos relacionados a prática da automedicação em acadêmicas do curso de enfermagem da Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN

E como objetivos específicos: Caracterizar os determinantes orgânicos, culturais e psicossociais que levam os acadêmicos de enfermagem a automedicação; descrever as principais comorbidades adquiridas que predispõem ao hábito de automedicar-se.

A mesma justifica-se pela contribuição a fim de buscar compreender o porquê dos acadêmicos se comportam dessa maneira em relação ao assunto abordado. Desse modo, além de trazer a informação a respeito de um tema que é necessário ser exposto por representar riscos à saúde de quem convive com a realidade de se automedicar, ainda vai permitir ao estudante compreender e observar a partir de um olhar próprio as várias faces que compreendem esse assunto, para que assim ele possa se conscientizar da periculosidade que o envolve.

Com relação aos riscos desta pesquisa, estes serão mínimos, visto que não haverá constrangimento, ressaltando-se que o questionário será anônimo, a fim de não comprometer a integridade do acadêmico de forma nenhuma. Já com relação aos benefícios, estes serão satisfatórios, visto que trarão um conhecimento maior com relação a automedicação tanto dentro da faculdade, dando a oportunidade aos alunos de se aprofundarem sobre os riscos desta prática.

Desta forma, através deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, solicito a sua participação nesta pesquisa e a autorização para utilizar os resultados para fins científicos (monografia, divulgação em revistas e eventos científicos como congressos, seminários, etc.).

Convém informar que será garantido o seu anonimato, bem como será assegurada a sua privacidade e o seu direito de autonomia referente à liberdade de participar ou não da pesquisa. Portanto, não é obrigatório fornecer as informações solicitadas pela pesquisadora participante. Informamos também que a pesquisa não apresenta riscos às pessoas envolvidas e ainda trará muitos benefícios.

O pesquisador e o Comitê de Ética em Pesquisa desta IES estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que entendi os objetivos, a justificativa, os riscos e os benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar da mesma. Declaro também que a pesquisadora participante me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FACENE<sup>1</sup>. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento rubricada a primeira página e assinada a última por mim e pelo pesquisador responsável, em duas vias iguais, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador responsável.

Mossoró, \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2019.

---

CARLOS AUGUSTO DA SILVA ALMEIDA<sup>2</sup>

Orientador pesquisador

---

TAMIRES DANIELE OLIVEIRA DE MORAIS SOUZA

Participante da Pesquisa

---

<sup>1</sup> Endereço do Comitê de Ética em pesquisa: Av. Frei Galvão, 12 – Gramame – João Pessoa – Paraíba – Brasil. CEP.: 58.067-695 – Fone/Fax: +55 (83) 2106-4790. Email: [cep@facene.com](mailto:cep@facene.com).

<sup>2</sup> Endereço profissional do pesquisador: Av. Presidente Dutra, nº 701, Alto de São Manoel, Mossoró – Rio Grande do Norte. CEP:59628-000 Fone/Fax:3312-0143. E-mail do pesquisador: [carlos\\_enf@facenemossoro.com.br](mailto:carlos_enf@facenemossoro.com.br).

## APÊNDICE B – Questionário

### \*Dados demográficos

Idade: \_\_\_\_\_ Estado civil: Solteiro (a) (  ) Casado (a) (  ) Viúvo (a) (  ) União Consensual (  ) Separado (a) Judicialmente (  ) Qual o semestre cursa? \_\_\_\_\_

### \*Perguntas

1. Você alguma vez já fez uso de medicamentos sem prescrição médica?  
(  ) SIM (  ) NÃO
  
2. Você já se informou alguma vez ou tem conhecimento dos riscos de se automedicação?  
(  ) SIM (  ) NÃO
  
3. Com que frequência você se automedica?  
(  ) DIARIAMENTE (  ) SEMANALMENTE (  ) MENSALMENTE (  ) NUNCA ME AUTOMEDIQUEI
  
4. No ambiente acadêmico da FACENE, você já fez uso de um medicamento sem prescrição médica?  
(  ) SIM (  ) NÃO
  
5. Tem conhecimento das possíveis consequências da automedicação?  
(  ) SIM (  ) NÃO
  
6. Qual a razão que o leva a realizar a prática da automedicação?  
(  ) CULTURAL (  ) ACADÊMICO (  ) HABITUAL (  ) DIFICULDADE DE ACESSO À REDE DE SAÚDE (  ) INFLUENCIA DO MERCADO FARMACEUTICO (  ) NÃO ME AUTOMEDICO.
  
7. O que você sente para ter que se automedicação?  
(  ) TYLENOL (  ) DIPIRONA (  ) NEOSALDINA (  ) DORFLEX (  ) ASPIRINA (  ) ENO (  ) OMEPRAZOL (  ) NEOSORO (  ) DICLOFENATO (  ) AMOXIL  
Outro: \_\_\_\_\_

Mossoró, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

## ANEXOS – CERTIDÃO PROVISÓRIA



Escola de Enfermagem Nova Esperança Ltda.  
Mantenedora da Escola Técnica de Enfermagem Nova Esperança – CEM, da  
Faculdade de Enfermagem Nova Esperança – FACENE, da  
Faculdade de Medicina Nova Esperança – FAMENE e da  
Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN

**CERTIDÃO**

Com base na Resolução CNS 466/2012 que regulamenta a ética da pesquisa em Seres Humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Nova Esperança, em sua 4ª Reunião Ordinária realizada em 09 de maio 2019. Após análise do parecer do relator, resolveu considerar, APROVADO, o projeto de pesquisa intitulado "AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM" Protocolo CEP: 27/2019 e CAAE: 11829219.4.0000.5179. Pesquisador Responsável: CARLOS AUGUSTO DA SILVA ALMEIDA e Pesquisadoras Participantes: TAMIRES DANIELE OLIVEIRA DE MORAIS SOUZA; WESLEY ADSON COSTA COELHO; ITALA EMANUELLY DE OLIVEIRA CORDEIRO.

Esta certidão não tem validade para fins de publicação do trabalho, certidão para este fim será emitida após apresentação do relatório final de conclusão da pesquisa, com previsão para Julho de 2019, nos termos das atribuições conferidas ao CEP pela Resolução já citada.

João Pessoa, 03 de Junho de 2019.

Rosa Rita da Conceição Marques  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa –  
FACENE/FAMENE